



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**HISTÓRIAS DE TRANCOSO NO SÍTIO CURRAL QUEIMADO: UM ESTUDO DE
TRADIÇÕES DISCURSIVAS**

DAIANA TARGINO DA SILVA

CATOLÉ DO ROCHA – PB.

2013

DAIANA TARGINO DA SILVA

**HISTÓRIAS DE TRANCOSO NO SÍTIO CURRAL QUEIMADO: UM ESTUDO DE
TRADIÇÕES DISCURSIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Irineu de França Neto

CATOLÉ DO ROCHA – PB.

2013

S586hSilva, Daiana Targino da

Histórias de Trancoso no sítio curral queimado:
um estudo de tradições discursivas. Daiana Targino
da Silva. – Catolé do Rocha, PB, 2013.

35 f.

Artigo (Graduação em Letras) – Universidade
Estadual da Paraíba, 2013.

Orientação: Prof. Dr. João Irineu de França Neto,
Departamento de Letras e Humanidades.

1. Tradições discursivas.
2. Memória coletiva.
3. Narrativas orais.
4. Histórias de trancoso (Sítio Curral Queimado). I. Título.

21. ed. CDD 301.3

DAIANA TARGINO DA DILVA

**HISTÓRIAS DE TRANCOSO NO SÍTIO CURRAL QUEIMADO: UM ESTUDO DE
TRADIÇÕES DISCURSIVAS**

BANCA EXAMINADORA

João Irineu de França Neto

Prof. Dr. João Irineu de França Neto

Orientador - UEPB/CAMPUS IV

Andréa Morais Costa

Profa Dra. Andréa Morais Costa

Examinadora - UEPB/CAMPUS IV

Francinete Fernandes de Sousa

Profa Dra. Francinete Fernandes

Examinadora - UEPB/CAMPUS V

APROVADO EM: 05 de setembro de 2013.

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2013

Dedico este trabalho:

- ao meu querido pai, pois foi através dele que aprendi durante anos a sonhar com algo melhor;
- a toda minha família, minha mãe, meus irmãos e amigos que seguiram ao meu lado, quando muitas vezes pensei em desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus** por ter caminhado comigo nos momentos difíceis, quando eu pensava que não poderia seguir em frente, fazendo-me experimentar novos horizontes, escolhas, idéias e também conhecer pessoas maravilhosas, as quais estarão em meu coração onde quer que eu esteja.

Aos meus queridos pais, **José Maria da Silva e Maria Aurineide Targino da Silva**, os quais lutaram junto comigo, desde quando recebi o resultado da aprovação para o curso de letras até hoje, ensinando-me que não devemos desistir por quaisquer obstáculos surgidos em nossa vida, mas lutarmos para sermos alguém melhor na totalidade da existência pois, de acordo com eles, não levaremos desta vida valores materiais, deixando somente lembranças boas do que fizemos para nosso próximo. Agradeço ainda aos meus irmãos **Diana Targino da Silva e Romário Targino da Silva**.

Às amadas primas, **Catarina Moângela Targino, Ana Carla Targino, Marinilza Targino e Ana Maria Targino**, as quais comemoraram também a minha aprovação no vestibular, fortalecendo-me com suas palavras alegres e otimistas; e se hoje estou conseguindo vencer esta batalha, foi com o apoio de todas elas.

Quero agradecer também a todos os professores que passaram por minha vida, em especial à professora do ensino médio **Kadygyda Lamara de França Leite**, atualmente mestre em ciências da educação. Foram suas palavras de otimismo, ensinamentos e conselhos que despertaram em mim o desejo de optar pelo curso de letras no vestibular na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Kadygyda não era somente uma professora, mas uma amiga e, com sua imensa sabedoria, nos transmitiu força de vontade e perseverança na busca por nossos objetivos, num processo constante de superação dos obstáculos ao longo do caminho.

Ao longo do curso de letras, não tive somente companheiros de sala, mas amigos, que estavam sempre dispostos a ajudar-me nos momentos difíceis. Por isso, agradeço a todos os meus colegas, especialmente a **Monara Rejane Linhares**, que vem acompanhando-me desde o sexto ano do ensino fundamental até hoje; foram muitas as nossas angústias, tanto escolares como acadêmicas; temos muitas histórias para contar ao longo dessa caminhada que trilamos juntas. Agradeço também a **Silmara Fernandes de Alencar**, a quem aprendi admirar pela

sua força de vontade em querer algo sempre melhor e por sua sabedoria em estar sempre pronta para ajudar-nos no que fosse possível.

Agradeço aos meus amados colegas e amigos **Samuel Francisco Pereira de Oliveira** e **Fabiola Sales da Silva**, com os quais aprendi que amizade verdadeira existe sim e, que por mais obstáculos que tenhamos em nossas vidas, sempre se dá um jeitinho para vencê-los. Ambos são pessoas por quem tenho uma forte admiração, pois carrego-os em meu coração e não haverá no universo alguém que os arranquem de mim.

Agradeço a **Andresa Wrielly Filgueiras Dutra**, por seus conselhos e puxões de orelha, quando eu mais precisava, pois foram, muitas vezes, por suas palavras que acreditei em mim. Ela caminhou comigo de mãos dadas, mesmo não estando tão presente na minha vida diária; e mesmo com suas angústias pessoais e tristezas, nunca deixou-me desesperar por meus próprios medos. Obrigada Andresa por suas significativas palavras de otimismo e pelo seu imenso coração, do qual, brota o mais puro sentimento de um ser humano bom, ou melhor, de uma pessoa única, como a mais rara pedra de diamante, que para encontrá-la precisamos de muita atenção para não a confundimos com tantas bijuterias humanas.

A **Kalídia Pires**, por suas palavras esperançosas e otimistas nesses últimos meses e pela oportunidade de conhecê-la melhor. Fazendo crescer em mim um sentimento verdadeiro, puro e amigo para com sua pessoa, sentimento que quero carregar em minha alma para sempre. Sou grata a Deus por você ter entrado em minha vida no momento em que eu mais precisava.

Agradeço ao meu querido orientador, **João Irineu de França Neto**, que não foi somente um professor mas, sobretudo, um amigo, que com seu enorme entusiasmo e apoio conseguimos analisar as narrativas orais presentes em meio ao meu seio maternal, ou seja, em minha comunidade Curral Queimado. Este professor, sempre com sua imensa sabedoria, direcionou-me o caminho exato por onde eu deveria trilhar, para assim conseguir expor exatamente meu objeto de pesquisa. João é muito mais do que pensamos ou sequer imaginamos; ele pode tocar no mais profundo do ser, com seu pensamento positivo, otimista e, principalmente revolucionário, em querer sempre algo melhor para todos nós.

"Os cantadores inventam cantigas, histórias que falam de amores, intrigas, contos de bichos, fuxicos, bravuras de criaturas que enfeitam a vida [...] Tudo acontece lá no sertão, pleno de encanto, de imaginação [...] se duvidar então vá lá pra ver [...] é puro viver virando canção!"

SOCORRO LIRA

HISTÓRIAS DE TRANCOSO NO SÍTIO CURRAL QUEIMADO: UM ESTUDO DE TRADIÇÕES DISCURSIVAS

SILVA, Daiana Targino. UEPB – Campus IV
Prof. Dr. NETO, João Irineu de França. UEPB – Campus IV

RESUMO

Este artigo tem como objeto de estudo as narrativas orais do Sítio Curral Queimado, as quais são conhecidas como as “Histórias de Trancoso”. Esta pesquisa foi realizada conforme os conceitos teóricos das tradições discursivas e da memória coletiva das culturas populares, a partir dos autores Kabatek (2006), Halbwachs (1990) e Cascudo (2006), numa perspectiva de demonstrar como a língua se manifesta a partir da memória coletiva, na forma de narrativas orais, que são gêneros textuais presentes em nossa comunicação, dando sentido a tudo o que falamos. Os aspectos metodológicos basearam-se nos pressupostos de Fernando Tarallo (2005), na forma de entrevistas semi-estruturadas com livres respostas, a fim de registrar as narrativas dos contadores de histórias da referida comunidade. Os dados coletados na pesquisa foram analisados parcialmente, focalizando algumas das características das “Histórias de Trancoso”, especificamente os elementos fixos e variáveis presentes nestas narrativas. Discutimos, assim, que essas narrativas orais vem sendo transmitidas de geração para geração, ressaltando a importância para a cultura do Sítio Curral Queimado.

Palavras-Chaves: Tradições discursivas. Memória coletiva. Narrativas orais. Histórias de Trancoso.

ABSTRACT

This article has as its object of study of oral narratives Site Burnt Corral , which are known as the " Oasis of Trancoso ." This research was relizada as the theoretical concepts of discursive traditions and collective memory of popular culture , from the authors Kabatek (2006) , Halbwachs (1990) and Shelly (2006) , with a view to demonstrate how language manifests from collective memory , in the form of oral narratives , textual genres that are present in our communication , giving meaning to everything we say . Methodological aspects were based on assumptions of Fernando Tarallo (2005) , in the form of semi -structured interviews with free answers , in order to record the narratives of storytellers of that community. The data collected in the survey were partially analyzed , focusing on some features of the " Stories Trancoso ," specifically the fixed and variable elements present in these narratives . Discussed , so that these oral narratives has been transmitted from generation to generation , emphasizing the importance to the culture of the Burnt Corral Ranch .

Key Words : discursive traditions . Collective memory . Oral narratives . Stories Trancoso .

SUMÁRIO

| | | |
|-----------|--|-----------|
| | INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 1. | MEMÓRIA COLETIVA..... | 12 |
| 2. | TRADIÇÕES DISCURSIVAS..... | 13 |
| 3. | NARRATIVAS ORAIS COMO GÊNEROS..... | 16 |
| 4. | DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA..... | 18 |
| 5. | AS NARRATIVAS ORAIS DO SÍTIO CURRAL QUEIMADO..... | 20 |
| | 5.1 Contextualização do <i>locus</i> da pesquisa..... | 21 |
| 6. | ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>..... | 22 |
| | 6.1 Como essas narrativas orais vem sendo transmitidas de geração para geração..... | 32 |
| | 6.2 A importância das narrativas orais para a cultura do sítio curral queimado..... | 32 |
| 7. | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 33 |
| | REFERÊNCIAS..... | 36 |
| | APÊNDICES | |

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo de nosso trabalho são as tradições discursivas das histórias de Trancoso do sítio Curral Queimado, localizado no município de Brejo do Cruz – Paraíba. Tais narrativas orais são importantes, porque muitas vezes representam a vida cultural da comunidade, nos seus valores, crenças e imaginário popular.

O *corpus* desta pesquisa faz parte do acervo etnográfico do Grupo de Pesquisa em Linguagens e Culturas Populares - GLICPOP -, coordenado pelo professor Dr. João Irineu de França Neto, do Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, Campus IV – Catolé do Rocha.

A base teórica que apóia nosso trabalho fundamentada nos conceitos de KABATEK (2006), SIMÕES e KEWITZ (2007), e CASCUDO (2006), expondo também como estas tradições vem se destacando nos últimos anos e o seu importante papel na história de nossa língua e de seus textos, de acordo com a especificidade dos vários gêneros textuais.

Buscamos também, a contribuição teórica nos estudos de Maurice Halbwachs (1990), sobre a memória coletiva, que faz parte de lembranças recordadas coletivamente por diversas pessoas de um mesmo grupo ou comunidade social, a qual é distinguida da memória individual, embora seja alimentada por esta.

Neste sentido, abordamos as narrativas de “Trancoso” como gêneros textuais orais, nos apoiando nas concepções de Marcuschi (2008), compreendendo que os gêneros fazem parte da história coletiva dos indivíduos, inseridos nas comunidades e nos grupos sociais existentes, uma vez que só nos expressamos verbalmente, por meio de algum gênero textual, que para além dos estudos literários e linguísticos podem fazer parte de vários outros estudos como por exemplo, os estudos de Antropologia, Etnografia, Sociologia, Linguística e etc.

No tocante à metodologia nos fundamentamos nas idéias de Fernando Tarallo (2005), sobre essas narrativas orais e a espontaneidade dos indivíduos ao narrá-las, não se preocupando com quaisquer “erros” gramaticais que possam surgir nos relatos orais. Foi a partir das concepções de variação linguística deste autor que elaboramos nosso instrumento de coleta de dados - o roteiro de entrevista semiestruturada. Além disso, fizemos anotações em diário de campo, conforme proposto na pesquisa etnográfica, indicada por Geertz (1989).

Para analisar esses dados pesquisados sobre as “Histórias de Trancoso”, delimitamos os seguintes objetivos específicos:

- Descrever as “Histórias de Trancoso” do sítio Curral Queimado, enquanto narrativas orais, segundo seus narradores, mostrando suas principais características;

- Analisar as variações existentes na constituição linguística das narrativas orais do sítio Curral Queimado, ou seja, os elementos discursivos que são fixos e aqueles que variam nas composições textuais das “Histórias de Trancoso”;

- Compreender como essas narrativas vem sendo transmitidas ao longo do tempo de geração para geração ;

- Demonstrar a importância das narrativas orais para a cultura do Sítio Curral Queimado.

As análises do *corpus* pesquisado foram apenas realizadas parcialmente, abordando-se alguns aspectos das tradições discursivas; ficando, assim, um caminho em aberto para posteriores estudos, com base em diversas linhas teóricas que são pesquisadas pelo GLICPOP, como também por outros estudiosos que se debruçarem sobre o *corpus* levantado.

1. MEMÓRIA COLETIVA

Discutimos o conceito de memória conforme Maurice Halbwachs (1990, p.53). Para o referido autor, “não estamos ainda habituados a falar da memória de um grupo mesmo por metáfora. Parece que uma tal faculdade não possa existir e durar a não ser na medida em que está ligada a um corpo ou a um cérebro individual” (*Op. cit.*, p.53). Como observamos, neste pequeno trecho, o autor revela que estudos acerca da memória se limitam a observar a memória individual, deixando de lado as construções sociais da memória comunitária, que consiste na memória coletiva de um grupo de pessoas.

Halbwachs (1990, p.57), considera que a memória é “como uma faculdade propriamente individual, isto é, que aparece numa consciência reduzida a seus próprios recursos, isolada dos outros, e capaz de evocar, quer por vontade, quer por oportunidade os estados pelos quais ela passou antes”. A memória seria, então, uma forma particular e individual de lembrarmos diversos fatos que antes nos

aconteceram, num processo de recordação voluntária ou não, a partir de estímulos presentes nos contextos culturais.

Ao dialogar ainda sobre a memória, Halbwachs (1990, p.53), acredita que as pessoas participam de dois tipos de memórias. A primeira trata-se da memória coletiva, que consiste em recordações de um mesmo fato ou acontecimento, que ocorreu com várias pessoas em um grupo social. Nesta memória coletiva está presente a memória individual, a qual é constituída por lembranças pessoais de um determinado indivíduo, que as tem como sua particularidade própria, de lembrar fatos e acontecimentos de outrora, vividos por ele.

O autor supracitado (1990, p.51), ao relacionar tanto a memória individual como a memória coletiva, descreve em seu discurso que ambas encontram-se sempre juntas uma com a outra, pois esta memória individual nada mais é que um olhar sobre a memória coletiva. Tais memórias se constituem, meio da forma que ocupamos os espaços da sociedade, atribuindo-lhes sentidos. Os espaços sociais podem sofrer uma transformação, dependendo do nosso vínculo com outras entidades coletivas e individuais, ou seja, com outras memórias que por ventura possam estar ligadas dentro de um mesmo grupo social.

2. TRADIÇÕES DISCURSIVAS

Segundo Kabatek (2006, p. 512), entende-se por “tradição discursiva TD a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar”, ou seja, são discursos que vem sendo pronunciados e escritos repetidamente nas nossas diversas situações diárias, seja por uma simples expressão como “bom dia” e outras formas de cumprimento, que pronunciamos diariamente a outras pessoas, ou um texto de determinado gênero, sendo este escrito ou falado, como é o caso de uma narrativa oral que vem sendo transmitida de geração para geração a longo de muitos anos.

Na concepção de Simões (2007, p.13), ao dialogar com Kabatek, fica explicitado que um dos principais aspectos que definem as tradições discursivas é a a repetição de determinadas formas linguísticas ou textuais orais ou escritas. No entanto, segundo ele “nem toda repetição forma uma TD”, ou seja nem toda repetição realizada por nós, será automaticamente uma tradição. Um exemplo disso como o próprio Simões (2007, p.13), afirma em suas definições, é a utilização

repetida de “artigos definidos e de pronomes”, os quais ambos podem ser sim repetidos diariamente no nosso dia a dia, sejam através de nossa escrita ou de nossa oralidade.

Kabatek (2006,p. 514), também afirma que essas tradições discursivas “são transformadas ao longo do tempo, e podem mudar até se converterem em outra realidade totalmente diferente da inicial”, ou seja, elas variam conforme cada época, mas sem perder de vista suas tradições iniciais, como por exemplo as tradições orais narradas nas “Histórias de Trancoso”, pelos moradores da comunidade rural do Sítio Curral Queimado em Brejo do Cruz – Paraíba, que são o objeto de estudo deste artigo, e que fazem parte de uma tradição discursiva da linguagem presente nesta comunidade. As referidas histórias narram determinados acontecimentos do imaginário popular (como as aventuras de João Grilo, Camões e o Senhor Rei, o caboclo da bunda murcha, dentre outras), que vem sendo repetidas através de narrações orais dos contadores de histórias por várias gerações até os dias de hoje. Muitas dessas narrativas variam no tocante às formas de construções discursivas, sem perder uma estrutura básica de narrativa oral.

E, de acordo com Calvet (2011, p.54), essa:

[...] recorrência de “fórmulas” repetidas que dão ao texto oral seu aspecto particular não implica em nada o estatuto passivo do “contador de história”, pois cada proferição é, ao mesmo tempo, uma recriação e uma retransmissão em um texto oral, assim como em uma canção em suas várias reproduções: há a história e a maneira de dizê-la [...]

Calvet, confirma-nos, então, que essas repetições orais contadas são pronunciamentos repetitivos que já vem sendo falados e transmitidos ao longo do tempo, por outras pessoas, que recontam de forma particular seus textos orais, mas sem perder de vista a essência discursiva sua história.

Diferentemente dos conceitos que Kabatek e Simões estabelecem sobre tradições discursivas, Morais *apud* Cascudo (2006, p. 27), afirma que tradição é uma informação continuada, de pessoas para pessoas, que estão guardadas ou em nossa memória de oralidade ou através de nossa escrita. Fica depreendido nas palavras do autor que as tradições, sendo discursivas ou não, também estão ligadas à memória dos indivíduos tanto coletivas quanto individuais.

Diante da busca de saber um pouco do contexto de nossa língua através dessas tradições que se manifestam nos textos orais que investigamos, é preciso falar um pouco o porquê e como surgiu a teoria das tradições discursivas.

Então, as tradições discursivas, conforme Kabatek (2006, p.505-507), surgiram nos estudos linguísticos da Alemanha, com os conceitos de Eugenio Coseriu e com as descobertas de Brigitte Schlieben Langüe, em 1983. Após suas pesquisas este último autor escreveu um livro chamado “Pragmática Histórica”, no qual discute a relação da linguagem oral e escrita, trazendo como ponto inicial um olhar histórico sobre as línguas do mundo e que mais tarde se tornaria um estudo das tradições discursivas; tornando-se, assim ponto de partida para vários escritores e pesquisadores da linguística, como o próprio Kabatek e muitos outros, nos estudos das diversas línguas históricas de diversas partes do mundo.

Kabatek (2006, p. 507), como Peter Koch e Wulf Oesterreicher, as TD podem ser consideradas, como ponto principal para conhecer a evolução e transformação das diversas línguas que existem pelo mundo. O referido autor afirma que “quando se estuda a história de uma língua, o que estuda não é a língua [...] senão textos de diferentes épocas, textos que parecem representativos” (KABATEK, *Op. cit.*, p. 515), ou seja, o estudo não é da língua por si própria, mas sim pela essência que esta vem representar em nossas vidas através de múltiplas formas textuais, sejam elas escritas ou orais, que vem sendo deixados ao longo dos anos por diversos escritores ou contadores.

Kabatek (2006, p. 524) lembra também que a língua “é um conjunto de variedades e de tradições discursivas [...] um texto determinado, um texto que pertence a uma TD”. Embora a língua passe por diversas evoluções ao longo do tempo está ela conserva tradições discursivas, que se constituem a partir de elementos fixos, tanto na sintaxe quanto na forma dos gêneros textuais.

Ao pesquisarmos e estudarmos as tradições discursivas, sejam orais ou escritas, de um grupo de pessoas, não só estamos conhecendo sua língua no tocante aos modos pelos quais elas falam e escrevem, mas também como essa língua e seus textos vem evoluindo e se constituindo ao longo do tempo em uma determinada comunidade. Geralmente essas tradições discursivas assumem uma função comunicativa na vida cotidiana das pessoas de determinadas comunidades, como por exemplo a função de entretenimento nas histórias de Trancoso, que objetivam divertir o público que escuta tais narrativas.

3. NARRATIVAS ORAIS COMO GÊNEROS

Fernando Tarallo (2005, p.23), relata que “ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativas, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma”, ou seja, ao narrar suas histórias, os falantes desprendem-se da forma “correta” de falar, agindo naturalmente sem nenhuma preocupação com “erros” gramaticais, que por ventura possam surgir durante as suas narrações.

Swales apud Santos relata que:

A expressão “gênero” sempre esteve, na tradição ocidental especialmente ligada aos gêneros literários, mas já não é mais assim, como lembra Swales (1990, p. 30), ao dizer: “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias. É assim que se usa a noção de gênero em Etnografia, Sociologia, Antropologia, Folclore, Retórica e, evidentemente, na linguística”. (SWALES apud SANTOS, 2004, p.38).

Então, desde a antiguidade até meados do século XX todas as referências aos gêneros, eram automaticamente identificadas aos gêneros literários, pois estes estavam sempre conectados à literatura. Entretanto, atualmente esta concepção mudou e hoje os gêneros podem estar presentes, como afirmou o autor, nos estudos de diversas disciplinas, destacando-se a Linguística, que se dedica a investigar a construção discursiva dos gêneros, sendo estes literários ou não.

O estudo dos gêneros textuais tem crescido no campo dos estudos da linguagem, devido às diversas tipologias que vem surgindo nas mais diferentes práticas comunicativas. Ao fazerem parte da comunicação do cotidiano, tanto oral quanto escrita de uma sociedade, os gêneros textuais assumem, como uma de suas muitas funções, a tarefa de descrever a vida social e cultural dos indivíduos que, por sua vez, ao utilizarem os gêneros nas diversas modalidades, dentre elas as narrativas, refletem suas vivências e aprendizagens recebidas oralmente através das experiências de outras pessoas que compartilham os mesmos contextos culturais, bem como experiências de outras culturas.

Ainda, com relação ao gêneros textuais Marcuschi (2008, p.187) afirma, que:

[...] um gênero seria uma noção cotidiana usada pelos falantes que se apóiam em características gerais e situações rotineiras para identificá-lo. Tudo indica que existe um saber social comum pelo qual os falantes se orientam [...]. Esses gêneros [...] se constroem na interação comunicativa e são fenômenos sociointerativos.

Ou seja, as pessoas definem esses gêneros por meio de uma informação geral, e de suas vivências diárias em seu meio social. Estes se formam através de um processo de comunicação que os falantes interagem socialmente entre si.

Enquanto isso, as narrativas orais são caracterizadas pela espontaneidade de expressar e narrar determinados assuntos, como histórias que ouvimos ou momentos que vivemos no decorrer de nossas vidas. Tais textos evidenciam e reproduzem a vida social e a cultura de um grupo, expressando uma forma de interação social que se materializa como um gênero textual específico da oralidade, construído pela memória coletiva das pessoas de uma comunidade, a partir de experiências, idéias, crenças e conhecimentos, que são suas manifestações culturais.

Marcuschi, ao expressar-se, no livro “Gêneros Textuais e Ensino” (2005, p. 19), lembra que “os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”. Neste sentido, podemos afirmar que os gêneros estão ligados à memória coletiva das comunidades, dos grupos sociais, especialmente aqueles que conservam uma cultura de tradição oral, como é o caso do Sítio Curral Queimado. Em tal localidade as narrativas, enquanto gêneros textuais orais, são classificadas por aqueles que as contam, isto é, os fazedores da cultura, com a denominação de histórias de Trancoso. O referido nome se deu por causa de um homem chamado Gonçalo Fernandes Trancoso que nasceu em meados de 1515 ou 1520. Ele morava em Lisboa quando em meio a uma “peste grande” perdeu sua mulher, seus filhos e um neto, ficando em uma tristeza profunda e para fugir dessa tristeza Trancoso começou a imaginar e escrever várias histórias de encantos e saberes populares que ele mesmo pesquisava de outras pessoas (Cf. MOISÉS, 2012, p. 39).

Marcuschi (2008, p.155), afirma que toda ação verbal é transmitida na forma de texto, tendo como principal função o uso de algum gênero textual, seja oral ou escrito. Então, a partir do que foi exposto, podemos entender que as histórias de Trancoso são consideradas gêneros textuais orais, que fazem parte da comunicação

cotidiana de como a comunidade transmite entre gerações sua memória cultural coletiva.

Desse modo, ao pesquisarmos as narrativas orais do Sítio Curral Queimado, podemos conhecer, por meio desse gênero, não somente suas histórias, mas seus diversos modos de falar e pensar. Por isso, torna-se relevante pesquisar e conhecer as narrativas desta comunidade, a fim de caracterizar a memória coletiva e individual dos sujeitos da cultura inseridos na localidade pesquisada, como também suas identidades comunicativas e culturais.

4. DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA

A pesquisa das “Histórias de Trancoso do sítio Curral Queimado foi realizada de acordo com as normas do livro *A Pesquisa Sociolinguística*, de Fernando Tarallo. Neste sentido, registramos as narrações dos contadores de histórias dessa comunidade, que espontaneamente expressaram as suas memórias sobre tais narrativas orais. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada a filmagem da contação das histórias, através de máquina digital, tendo como base um roteiro de entrevista semiestruturada, em vista de facilitar a obtenção dos dados pesquisados, podendo o roteiro ser modificado conforme a conversa entre o pesquisador e os narradores das histórias.

O roteiro da entrevista conteve as seguintes questões:

1. Você sabe contar uma daquelas histórias de Trancoso que alguém lhe contava ou contou ?
2. Através de quem você aprendeu a contar essas histórias?
3. Há quanto tempo você sabe essas histórias?
4. Você acredita que essas histórias aconteceram de verdade? Por quê?

Foram selecionados 10 (dez) informantes, para narrarem as “Histórias de Trancoso”, com faixas etárias diferentes e com base em alguns critérios, conforme os estabelecidos por Fernando Tarallo:

- . Os narradores terem chegado na comunidade pesquisada até os 5 (cinco) anos de idade;
- . Com faixas etárias entre:
 - 15 A 29 anos;
 - 30 a 45 anos;

46 a 60 anos;

E mais de 60 anos.

Conforme Tarallo (2005), podem existir três tipos de fatores sociais, que caracterizam as pessoas socialmente: o sexo, a idade e a escolaridade. Partindo destes fatores, a finalidade do autor consiste em identificar aspectos sociolinguísticos da língua, nos níveis fonético-fonológicos, lexicais e morfossintáticos. Nossa finalidade, entretanto, vai além da descrição desses níveis linguísticos. Trabalhamos com uma análise no nível textual, abordando as Tradições Discursivas, nos modos diferentes e variantes dos contadores enunciarem suas histórias.

Dentre os 10 (dez) informantes da pesquisa sobre as “Histórias de Trancoso”, podemos obter para cada fator o seguinte número de pessoas, demonstrado no quadro abaixo:

Quadro 01:

| I – SEXO: | II – IDADE: | III – ESCOLARIDADE |
|---|--|---|
| Masculino – 03 informantes; Feminino – 07 informantes. | 15 a 29 anos – 03 informantes; 30 a 45 anos – 02 informantes; 46 a 60 anos – 04 informantes; Mais de 60 anos – 01 informante. | Nenhuma – 02 informantes; Ensino Fundamental – 05 informantes; Ensino Médio – 02 informantes; Ensino Superior – 01 informante. |

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Um dos principais critérios comunicativos da pesquisa, no tocante à coleta de dados, foi deixar os informantes livres para falarem espontaneamente o que desejarem, deixando-os assim da forma mais natural possível, posto que tal atitude de espontaneidade ou naturalidade na forma de dizer o texto possibilita ao pesquisador descobrir fatos que nunca foram registrados. E neste processo de conversação natural, tanto o pesquisador como aquele que informa algo, desvinculam-se de qualquer critério estabelecido entre os dois, encontrando sem a imposição de regras o caminho mais proveitoso dos dados pesquisados.

Após a coleta de dados das narrativas sobre as “Histórias de Trancoso”, os textos orais foram transcritos, respeitando as formas populares da oralidade dos contadores. Além desses aspectos audiovisuais, fizemos anotações em diário de campo, conforme proposto na pesquisa etnográfica, indicada por Geertz (1989), a fim de possibilitar o registro de detalhes novos que surgiram, ao longo da pesquisa, sobre a comunidade e os entrevistados.

5. AS NARRATIVAS ORAIS DO SÍTIO CURRAL QUEIMADO

As narrativas orais do Sítio Curral Queimado são caracterizadas por diversas histórias narradas por alguns moradores deste local, que as chamam de “Histórias de Trancoso”, que podem ser consideradas “verdadeiras” ou não. Os contadores aprenderam essas narrativas durante a sua infância e adolescência, com seus avós, pais, tios e vizinhos, quando se reuniam a noite, para ouvirem atentamente aqueles que sabiam, como os mesmos dizem nas gravações audiovisuais, ao longo da pesquisa de campo: “contar as histórias de Trancoso”.

Essas narrativas fazem parte das lembranças de cada um que as narram, trazendo através de suas histórias, transmitidas de geração em geração pelos narradores do Sítio Curral Queimado. Lembranças estas, que Maurice Halbwachs (1990), caracteriza como parte da memória coletiva de um grupo social, ou seja, essas “Histórias de Trancoso”, fazem parte da memória coletiva dos contadores da comunidade mencionada, e que apesar dos seus tantos anos de existência, eles não esqueceram de continuar esta tradição oral, que seus amigos e familiares os deixaram, de certa forma como herança comunicativa e cultural, e também com o propósito de serem lembrados através dessas histórias imaginadas. Tal elemento se reflete na interação entre o grupo dos ouvintes no final de cada narrativa, quando por exemplo alguma criança, que tinha a curiosidade de perguntar: “Com quem você aprendeu a contar essas histórias?”; e os narradores sempre respondiam: “foi com meu pai, através de meu avó, por meio do meu tio, etc.”. E, assim, com a curiosidade por parte das crianças, os narradores que outrora contavam essas histórias, são lembrados por aqueles que antes os ouviam narrar, e que hoje as narram para outras pessoas.

5.1 Contextualização do *locus* da pesquisa

A pesquisa das narrativas orais sobre as “Histórias de Trancos”, foi realizada no Sítio Curral Queimado, zona rural do município de Brejo do Cruz, que possui a seguinte localização geográfica, de acordo com Oliveira (2004, p. 87) em seu livro, intitulado “Brejo do Cruz: Sua história e sua gente”:

[...] está localizado na zona fisiográfica do atlo sertão do piranhas, a noroeste do estado paraibano. Limita-se ao norte com o município de Belém do Brejo do Cruz; ao sul com São Bento e Riacho dos Cavalos; ao leste com Jardim de Piranhas - RN; ao oeste com Catolé do Rocha [...]. Com área territorial de 408 km², altitude de 199 metros, vegetação caatinga, com clima quente e seco, ficando a 420 km da capital do estado, João Pessoa.

A economia do município de Brejo do Cruz hoje gira em torno da agropecuária do plantio de feijão e milho, do comércio e principalmente das fábricas industriais das redes de dormir, das costuras de colchas e panos de pratos bordados, bem como em torno da pesca.

O campo de pesquisa consiste no Sítio Curral Queimado, que fica localizado a 4 km aproximadamente da cidade de Brejo do Cruz. Segundo os moradores desta comunidade rural, o sítio possui uma população de 33 pessoas, entre crianças, adultos e idosos, com base na pesquisa que realizamos.

Sobre o contexto histórico do *locus* da pesquisa, ou seja, do Sítio Curral Queimado não se tem informações concretas, no que diz respeito quando, como, e o porquê do seu surgimento, pois os moradores daa localidade rural não sabem exatamente como surgiu esta comunidade.

A referência mais próxima que temos do ano em que o Sítio Curral Queimado poderia ter surgido, é uma casa antiga com engenho, sendo dividida em duas partes. A mais velha que não se sabe a data exata de sua construção, mas algumas pessoas relatam que esta tem aproximadamente 150 anos. A parte mais nova foi construída em 1902, segundo relata em entrevista seu proprietário recente Antônio Ananias Targino (*in memoriam*).

Figura 01: A Casa Grande: casa mais antiga do Sítio Curral Queimado.



Fonte: Foto produzida por João Irineu de França Neto, em visita ao Sítio Curral Queimado em 2013.

O nome do *locus* da pesquisa é outro enigma discutido na comunidade, pois algumas pessoas dizem que não sabem a real história do porquê Curral Queimado, outras relatam que chama-se assim, porque na época em que os primeiros proprietários chegaram neste local um curral teria pego fogo, por causa de uma piola de cigarro que alguém poderia ter deixado cair.

Desse modo, não podemos afirmar com clareza e exatidão quando surgiu o Sítio Curral Queimado. Só podemos relatar que existem muitas histórias para contar neste lugar, que a sociedade desconhece, para que a cultura deste povo não seja esquecida com o passar do tempo, mas que possa continuar atravessando gerações, na arte de suas narrativas orais, mostrando assim os diversos valores culturais e sociais da memória coletiva local, que poucos sabem e muitos desconhecem.

6. ANÁLISE DO CORPUS

As “Histórias de Trancoso” conforme os narradores do Sítio Curral Queimado, são narrações orais contadas durante anos, nesta comunidade rural, por alguns de seus moradores. Estes as ouviram e aprenderam ao longo do tempo, através das contações de seus avós, tios, pais e amigos, os quais contavam lendas de princesas, reis, monstros e causos, que para eles, como afirmamos anteriormente, podem ser consideradas “verdadeiras” ou não, de acordo com a imaginação de cada um que as ouvissem, ou seja, se acreditassem, elas eram consideradas

“verdadeiras”, e caso não seriam apenas histórias inventadas pela imaginação das pessoas que as narravam, com o objetivo de entreter e ativar o pensamento daqueles que as ouvissem.

Essas histórias orais fazem parte do acervo da literatura oral que, segundo Cascudo (2006,p.21), tem como característica principal “a persistência pela oralidade”, ou seja, a firmeza pela linguagem oral, as tornam um fator comunicativo, para transmitir de pessoas para pessoas tais narrativas.

As narrativas orais das “histórias de Trancoso” se caracterizam pelo modo como alguns narradores iniciam suas falas, ao começarem a enunciar, a maioria dos contadores iniciam suas narrações com o verbo “ser”, no pretérito imperfeito do indicativo, acompanhado de algumas expressões variáveis.

Observemos nos seguintes trechos das entrevistas com os contadores essas variantes nas expressões do verbo ser:

“[...] **era assim** (+) um caboco com sua família morava/ num tempo de seca morava num lugar distante assim da sociedade (+) [...]” (Relato de Diana);

“[...] **era Camões** e o rei fizeram o pacto quem vencesse se Camões vencesse o rei ganhava o reinado [...]” (Relato de Chica);

“[...] **era um** padre (+) um doutor e um caboclo (+) **era um tempo** que não havia transporte (++) e as pessoas que tinham condições viajavam de acavalo né de um lugar para o outro (+)” (Relato de João Saldanha);

“[...] **era um** velho qui num tinha (+) num tinha denti nada aí o velho queria ser um rapaz novo [...]” (Relato de Lurdinha);

“[...] **era um** veim que gostava muito de andar de noite acavalu num cavalim [...]” (Relato de Maria).

Analisando os trechos acima, podemos perceber que os vários narradores começam suas narrativas com o mesmo verbo “**ser**” (**era**), na primeira pessoa do pretérito imperfeito do indicativo, mas acompanhados de algumas expressões que variam de contador para contador, como no relato de Diana, que ao iniciar sua narrativa, começa com o verbo “ser” acompanhado do advérbio de modo “**assim**”, indicando a circunstância como a história do caboclo teria ocorrido. Já no relato de chica este verbo não está acompanhado de nenhum advérbio de modo, e sim do substantivo próprio “**Camões**”.

Nos últimos três trechos acima, das “Histórias de Trancoso”, relatados por João Saldanha, Lurdinha e Maria, o verbo “**ser**” vem acompanhado do sintagma

nominal, cujo elemento fixo é o artigo indefinido “**um**”, que por sua vez nas narrações destacadas não determinam exatamente quem são os nomes “padre, doutor, caboco, velho e vêim” (núcleos do sitagma), definindo-os com imprecisão. Além disto, tais sintagmas são desprovidos das características físicas e pessoais, de como seriam esses personagens mencionados, identificando-os como simplesmente “padre, doutor, caboco, velho e vêim”, sem processos de adjetivação.

Ao observarmos, ainda, o início desses pequenos trechos das “História de Trancoso”, podemos compará-los, com o começo da expressão clássica “**Era uma vez**”, a qual é uma tradição discursiva dos contos de fadas, pois como estes a maioria dos contadores ao iniciarem suas narrativas também começam com a mesma estrutura: o verbo “**ser**” no pretérito imperfeito do indicativo, apenas com alguns elementos variáveis que geralmente são os artigos indefinidos “**um** ou **uma**”, o que leva a constatar uma estrutura tradicional comum em ambas, tanto nas “Histórias de Trancoso” do Sítio Curral Queimado como nos contos de fadas.

Outro fator característico são as marcas temporais na construção das narrativas, pois ao longo de suas histórias, os narradores fazem algumas referências a acontecimentos que ocorreram em um tempo passado, o que encontra-se marcado discursivamente em verbos no pretérito, como se constata no quadro abaixo:

Quadro 02:

| | |
|--|---------------|
| “[...] era um caboco com sua família morava / num tempo de seca [...]”; | - narrativa 1 |
| “[...] João Grilo viveu num tempo de reinado [...]”; | - narrativa 2 |
| “[...] era um tempo que não havia transporte [...]”; | - narrativa 5 |
| “[...] nessi tempo o povo disbulhava feijão [...]”. | - narrativa 8 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Podemos perceber que os verbos **morar**, **viver**, **haver** e **debulhar** encontram-se no pretérito, exprimindo sempre algo que ocorreu num passado

remoto, confirmando assim que essas tradições orais do sítio Curral Queimado foram se constituindo ao longo dos anos, pelas pessoas que outrora as ouviram e que hoje as transmitem para tantas outras.

Entendemos por elementos linguísticos fixos aqueles que permanecem nas histórias, mesmo estas sendo contadas por diferentes contadores; e elementos linguísticos variáveis são aqueles que variam de acordo com cada narrador que narra essa mesma história (Cf. CALVET, 2011).

No *corpus* da pesquisa, dentre muitas histórias narradas pelos moradores do Curral Queimado, foram coletadas duas histórias iguais, narradas por duas pessoas de formas diferentes, apresentando elementos fixos e variáveis nas mesmas, ou seja, estas apresentam os mesmos conteúdos discursivos, porém narradas com algumas informações que existem em uma narrativa e em outra não, possibilitando constatar-se elementos discursivos (verbos, advérbios, locuções adverbiais) fixos e variáveis tanto em diferentes histórias quanto na mesma história contada por diferentes sujeitos culturais.

Vejam os trechos abaixo a primeira “História de Trancoso” igual, encontrada no *corpus* da pesquisa, intitulada o “caboco da bunda murcha”, narrada por Diana e Ana Carla. Ambas narram a mesma história, mas com alguns elementos discursivos fixos e variáveis.

Elementos discursivos fixos presentes na história do “caboco da bunda murcha”:

Quadro 03:

| | |
|--|--|
| <p style="text-align: center;">NARRATIVA 1 (Narrada por Diana)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “[...] era um caboco [...] tinha princesa [...] tinha um castelo [...] ele passava todo dia por lá [...]”. | <p style="text-align: center;">NARRATIVA 3 (Narrada por Ana Carla)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “[...] é o Caboco da bunda murcha uma que aí tinha uma princesa [...] ele todo dia passava de frente o castelo [...]”. |
|--|--|

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

As principais características discursivas fixas, que encontramos na história “o caboco da bunda murcha”, estão ligadas pelos mesmos verbos “**ser**”, “**ter**” e “**passar**”, estes dois últimos estando presentes em ambas as narrativas na primeira

pessoa do pretérito imperfeito do indicativo, juntos com a locução adverbial “**todo dia**”, que também se faz presente nas duas narrativas.

O quadro abaixo mostra os elementos discursivos variáveis nas narrativas sobre “o caboco da bunda murcha”:

Quadro 04:

| NARRATIVA 1 (Narrada por Diana) | NARRATIVA 3 (Narrada por Ana Carla) |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • “[...] era um caboco com sua família morava / num tempo de seca morava num lugar distante assim da sociedade [...]”; • “[...] ele ia trabalhar tinha um castelo no caminho [...]”; • “[...] quando vinha voltando para casa a princesa gritou “OLHA O CABOCO DA BUNDA MURCHA KAKAKA” [...]”; • “[...] ela tinha os dente bem grande [...]”; • “[...] ele voltou e disse “o que Deus num, o num butou na minha bunda butou nos seus dente [...]”. | <ul style="list-style-type: none"> • “[...] ele passava de frente o castelo pra ir pra missa [...]”; • “[...] aí ela toda de manhã a princesa gritava “JÁ VAI CABOCO DA BUNDA MURCHA” [...]”; • “[...] tinha uma princesa que tinha só um dente bem grande [...]”; • “[...] aí teve um dia que ele disse/ virou pra ela e disse “quando Deus criou o mundo todo mundo tava presente o que faltou na minha bunda cresceu no seu dente [...]”. |

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Há cinco elementos discursivos que são variáveis nestas narrativas. O primeiro se inicia quando na narrativa 1, a narradora utiliza o verbo **morar** duas vezes para contar que o personagem chamado caboco “**morava**” com sua família, em um tempo de seca longe da sociedade. Entretanto, na narrativa 3, esses elementos discursivos verbais não aparecem. Por isso, o tópico ao lado desta narrativa está em branco.

O segundo elemento variável é discursivo, pois verbalmente ambos os narradores utilizam-se do mesmo verbo “**ir**” para relatar o destino percorrido pelo “caboco”, ao passar em frente ao castelo da princesa. Há somente nesses pequenos

trechos variações nos elementos discursivos, não havendo divergência no plano de conteúdo ou temático da narrativa. Diana em sua narrativa afirma que ele vai para o trabalho, mas Ana Carla em sua narração relata que o “caboco”, ao passar em frente ao castelo, estaria indo para uma missa e não para o trabalho como a contadora 1 enuncia.

O terceiro elemento variável está relacionado ao que a princesa teria pronunciado, quando o caboclo passou em frente ao seu castelo. A primeira contadora, como se observa na construção sintagmática da narrativa, inicia com a conjunção “**quando**”, indicando a temporalidade da ação comunicativa da princesa, marcada no verbo “**gritar**”. A expressão da princesa chama a atenção de outros interlocutores: “OLHA O CABOCO DA BUNDA MUCHA KAKAKA”, como se a personagem ao iniciar sua fala por meio do verbo “**olhar**” no modo imperativo, quisesse-o mostrar para mais alguém a aparência extravagante do caboclo.

Diferente da narradora 1, a narradora 3, ao relatar o que a princesa teria falado para o caboclo utiliza-se da locução adverbial de tempo “**toda de manhã**”, indicando assim o tempo cotidiano contínuo em que a princesa se direcionava para falar com o caboclo. Esta narradora também utiliza o mesmo verbo “**gritar**”, mas na terceira pessoa do pretérito imperfeito do indicativo, como se ela quisesse mostrar que a princesa ao falar com o caboclo teria feito a pergunta “JÁ VAI CABOCO DA BUNDA MURCHA”, fazendo uso do advérbio de tempo “**já**”, contrariando assim o que a narradora 1, teria afirmado, ou seja, que a princesa não teria gritado com o propósito de outras pessoas percebessem que ali em frente ao seu castelo passava um caboclo da bunda murcha e sim somente com o intuito de perguntar ao caboclo se ele estava indo embora, mas sem perder o tom de deboche contra o mesmo.

O quarto elemento que varia é com relação a quantos dentes grandes teria a princesa. Neste sentido, tanto Diana quanto Ana Carla em seus relatos utilizaram o mesmo verbo “**ter**”, na primeira pessoa do pretérito imperfeito do indicativo, para relatarem, em suas narrações, quantos dentes de fato tinha a princesa. Na narrativa 1, não há uma especificação de quantidade, mas sim que a personagem tinha os dentes grandes. No entanto, para a narrativa 3, ela teria apenas um dente grande, e não vários dentes grandes.

O quinto e último elemento discursivo variável se refere à forma como o personagem “caboco” revidou aos deboches da princesa, pois ambas as narradoras relatam de formas diferentes. A primeira narradora inicia seu relato utilizando-se do

seguinte enunciado verbal: “**voltou e disse**”, para introduzir a fala do caboclo ao dialogar ironicamente com a princesa, num tom enunciativo de ridicularização dos dentes da personagem: “o que Deus num butou na minha bunda butou nos seus dente”. Está confirmado, pois, em tal narração que a princesa tinha vários dentes. Mas oposto a esse pensamento, na narrativa 3, ao invés de “voltar” está presente o verbo “**virar**”, introduzindo a fala do caboclo: “quando Deus criou o mundo todo mundo tava presente o que faltou na minha bunda cresceu no seu dente”, confirmando assim o seu modo diferenciado de pensar da narradora 1, do qual a princesa não tinha dentes grandes, e sim apenas um dente grande.

Dessa forma, podemos observar, que apesar de alguns elementos variáveis expressados, tanto discursivos como gramaticais, pelas narradoras 1 e 3, sobre a história do “caboco da bunda murcha”, ambas narram a mesma história, sem perderem o seu foco discursivo, ou seja, narrar a história de um caboclo, que passava em frente a um castelo e que neste havia uma princesa que o debochava, por causa de sua bunda pequena, mas que um certo dia ele cansado dos deboches da princesa revidou-os, debochando-a também, com ênfase no defeito físico de seus dentes.

Observemos também a seguir, os elementos discursivos fixos e variáveis da segunda “História de Trancoso”, encontrada nas tradições discursivas do sítio Curral Queimado, narrada por Chica e Francisco, a qual tem como título “Camõis e o reis”.

Os elementos discursivos fixos presentes nas narrativas 4 e 6 sobre a história de “Camõis e o reis”:

Quadro 05:

| NARRATIVA 4 (Narrada por Chica) | NARRATIVA 6 (Narrada por Francisco) |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • “[...] era Camõis e o reis [...]”; • “[...] o reis [...] falou “agora eu quero que você mim traga um carro de madeira que não tenha nó” Camõis foi pensou pensou só encontrou as bananeira foi no sítio do rei cortou todas as bananera [...]”; • “[...] ai pediu que queria um que tivesse duma madeira que tivesse muito nó toda cheia de nó Camõis | <ul style="list-style-type: none"> • “[...] o reis fez uma aposta cum Camõis [...]”; • “[...] ai ele fez ota aposta cum Camõis pa ele cortar uma madeira sem nó Camõis [...] foi pu sítio o qui era di bananeira cortou turdim [...]”; • “[...] você trazer a madeira cheia di nó má cortou [...] nu sítio di cana [...]”; |

| | |
|--|---|
| <p>pensou ai disse “ só tem cana ” foi no sítio cortou as cana tudo lá do sítio [...]”;</p> | |
| <ul style="list-style-type: none"> • “[...] o reis disse “agora eu quero que você venha chegue aqui na minha casa nem nu, nem vestido nem diapé nem a cavalo nem pizano na minha terra” Camõis pensou pensou fez uma estrada pa chegar na calçada foi vestiu-se numa tarrafa e pegou dum vizinho uma porca grande que tinha ai [...] Camõis chegou vestido na tarrafa acavalu na porca que vinha pizano na estrada que ele tinha feito [...]”. | <ul style="list-style-type: none"> • . “[...] o reis fez uma aposta cum Camõis pra ele nem vim nu nem vistidu, vestiu-se numa tarrafa nem era pa ele ele vim di péis nem acavalu ele vei ele encheu um saco de área vei amuntou numa porca ai vei acavalu [...]”. |

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Analisando estes trechos, percebemos que ambos os narradores narram a mesma história, mas que ao iniciarem seus relatos sobre Camões e o rei utilizam-se de alguns elementos gramaticais diferentes, como por exemplo, na narrativa 4, Chica ao inicia-la, utiliza o verbo “**ser**” (**era**), na primeira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, para mostrar os personagens de sua história. Já Francisco, na narrativa 6, a iniciou com sintagma nominal “**o reis**”, especificando um dos personagens da narrativa.

Outro elemento fixo presente nas narrativas 4 e 6 está relacionado ao primeiro pedido que o rei fez a Camões, para que ele cumprisse. Os contadores relatam o mesmo pedido, porém a contadora Chica utiliza-se do verbo “**falar**”, na terceira pessoa do singular no pretérito perfeito do indicativo, para retransmitir como o rei teria falado para Camões trazer o carro de madeira sem nó, como se observa no seguinte trecho:

“[...] o reis falou “agora eu quero que você mim traga um carro de madeira que não tenha nó[...].”

Percebemos, então, que ela ao contar a história, relata também a voz do rei, na forma de discurso direto. Francisco, entretanto, utilizando-se do discurso indireto em sua narração, não transmite a voz do rei; somente usa o verbo “**fazer**”, na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito para relatar o mesmo conteúdo discursivo da narradora 4, ou seja, que o rei tinha pedido para Camões trazer o carro de madeira sem nó, conforme trecho abaixo:

“[...] ai ele **fez** ota aposta cum Camõis pa ele cortar uma madeira sem nó Camõis [...]”;

No terceiro tópico dos elementos fixos, os narradores dizem que o rei mandou Camões pegar uma madeira que tivesse nó, mas ambos usam verbos diferentes para contar isto. Na narrativa 4, a narradora usa o verbo “**pedir**”, na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo para demonstrar o que ele teria pedido para Camões fazer, e o narrador 6 relata o mesmo pedido, mas com o verbo transitivo “**trazer**”.

Temos ainda no último tópico, que está relacionado a mais um pedido que Camões tinha que cumprir para ganhar a aposta do rei, o qual os narradores relatam que ele tinha que chegar na casa do rei nem vestido, nem nu, nem de a pé, nem a cavalo e nem pisando na terra dele. A narrativa 4 utiliza o verbo “**dizer**”, na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo para transmitir a fala do rei a Camões, porém a narrativa 6, usa o verbo “**fazer**”, também na terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo, não para transmitir a fala do rei, mas somente para relatar o que ele pediu.

Os elementos discursivos variáveis das narrativas 4 e 6 sobre “Camõis e o reis” estão sistematizadas no quadro abaixo:

Quadro 06:

| NARRATIVA 4 (Narrada por Chica) | NARRATIVA 6 (Narrada por Francisco) |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • “[...] era Camõis e o reis fizeram o pacto quem vencesse se Camõis vencesse o rei ganhava o reinado [...] se o rei/vencesse Camõis ia ser inforcado [...]”; | <ul style="list-style-type: none"> • |
| <ul style="list-style-type: none"> • “[...] então-se o rei falou a Camõis “que queria que ele fizesse cum quê os cavalus dele chegasse todos rindo mostrano os dente” Camõis pensou pensou foi cortou os beiços dos cavalu [...]”; | <ul style="list-style-type: none"> • |
| <ul style="list-style-type: none"> • “[...] o rei dissi agora eu quero que você mim coloque esse carro dentu | <ul style="list-style-type: none"> • |

| | |
|---|--|
| <p>desse quarto” Camõis pensou pensou só encontrou um jeito dirmuntou o carro as peça que passava na janela ele colocou lá dentro i as qui não coisa ele rachou de machado arrumou tudo lá dentro no outro dia chamou o rei “veim sinhô reis ver o carro aqui dentro do quarto” o rei quando chegou deu brabo “mais Camõis você quebrou todo o meu carro” ele disse“foi a maneira que encontrei pra butar ele dentu do quarto [...]”.</p> | |
|---|--|

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

O leitor deve está se perguntando o motivo pelo qual o lado esquerdo da narrativa 6 está todo em branco. Como já vimos, nas narrativas 1 e 3, existem alguns elementos discursivos que são explícitos em uma narração e na outra não. Neste caso, as partes do lado esquerdo da narrativa 6 estão em branco, porque o contador não relata nenhum dos acontecimentos que a contadora 4 afirmou, ou muito menos, algo que possa ser diferente para podemos compará-lo na história de “Camõis e o reis”, tornando assim, estas também elementos variáveis entre as duas narrações, mas nem por isso ambas perdem seu foco narrativo, apesar dos muitos elementos variáveis entre elas. Tanto a narradora 4 como o narrador 6 conseguem transmitir algumas das aventuras vividas entre Camões e o rei, os quais são marcados por seus diversos duelos e apostas. O rei que está sempre propondo coisas a camões, com a certeza que ele não as cumprirá, mas ao contrário de seus pensamentos Camões sempre cumpre tudo o que o rei pede, vencendo sempre todas as apostas e duelos entre eles.

Outro fator diferenciado, nessas narrativas, está relacionado aos discursos dos narradores, pois Chica sempre mostra em sua narração as falas dos personagens e Francisco não as enuncia em seu discurso.

Então, ao analisarmos os elementos variáveis das “Histórias de Trancoso”, tanto do “caboco da bunda murcha” como a de “Camõis e o reis”, observamos que por mais que tenham elementos variados em ambas, todos os narradores conseguem contar suas narrativas sem perderem o ponto principal das

contações, ou seja, narrarem os acontecimentos do caboclo da bunda murcha e das histórias vivenciadas por Camões e o rei. Percebemos também, que ambos os contadores utilizam-se, na maioria das vezes em suas histórias, basicamente os verbos no pretérito perfeito e imperfeito do indicativo, sendo tal temporalidade verbal um índice da memória coletiva, a qual recorrem os contadores no ato de fala da contação de suas histórias de Trancoso.

6.1 Como essas narrativas orais vem sendo transmitidas de geração para geração

As narrativas orais do sítio Curral Queimado, mais conhecidas como as “Histórias de Trancoso”, vem sendo transmitidas ao longo do tempo, através dos avós, pais e tios dos contadores que moram neste local, os quais, com o passar dos anos foram aprendendo a narrar essas histórias também com seus pais, tios e avós e hoje ambos, as transmitem para seus filhos, netos e sobrinhos. Estes as guardaram em suas lembranças para que alguns anos mais tarde pudessem narrar para seus futuros filhos, netos e sobrinhos.

Assim são transmitidas as narrativas orais do Sítio Curral Queimado de geração para geração através dos tios, pais e principalmente, dos avós de cada contador, que as narram. Estas histórias de forma geral, conforme o que foi pesquisado e analisado durante as entrevistas tem aproximadamente de vinte cinco anos a sessenta anos de existência, pois cada narrador as aprendeu em uma determinada época, formando um intervalo de tempo entre aqueles que antes as ouviam e que hoje as narram para outras pessoas, ou seja, são narrações que vem se constituindo ao longo do tempo através de gerações para gerações.

6.2 A importância das narrativas orais para a cultura do sítio curral queimado

De acordo com Durante (2007) apud Marcuschi:

[...] a cultura é um dado que torna o Humano especial no contexto dos seres vivos. Mas, o que torna ainda mais especial é o fato de ele, dispor de uma linguagem simbólica articulada que é muito mais do que um sistema de classificação, pois é também uma prática que permite que estabeleçamos crenças e pontos de vista diversos. (MARCUSCHI, 2010, p.35)

Diante disso, podemos considerar que é a linguagem que particulariza a cultura de um povo, sendo também um dos pontos para caracterizar culturalmente uma comunidade social, cada qual com suas próprias crenças, costumes e diferentes modos de falar e pensar. Uma linguagem que se torna especial pelo simples fato de não impor regras ou limites aos falantes em seu uso, tornando-a, assim, especial e importante para cada um que a tem em seu convívio diário e cultural.

Um caso que podemos destacar neste sentido são as “Histórias de Trancoso” do Sítio Curral Queimado, enquanto narrativas orais da comunidade, as quais se constituem uma marca linguística e cultural desta comunidade, na atuação dos seus vários contadores, que narram oralmente diversas histórias, outrora aprendidas por eles. Ressaltando, que essas narrativas estão cada vez mais em extinção, pois dificilmente encontramos hoje pessoas que as narrem, uma tradição cultural que está acabando e que precisamos registrá-la. E o primeiro passo consiste em valorizarmos os grupos sociais em que essas narrações ainda se encontram presentes e, desse modo, aos poucos elas vão se reconstituindo no processo interativo da contação das histórias.

Então, as narrativas orais são importantes para a cultura do sítio Curral Queimado, porque caracterizam a identidade linguística e cultural desta comunidade, tornando-as ainda, uma linguagem particular das pessoas que vivem neste local e que contam as “Histórias de Trancoso” como modo de transmitir para outras pessoas seus momentos outrora vivenciados, suas crenças e sabedorias culturais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi mencionado, podemos concluir, que, a memória coletiva, mencionada por Maurice Halbwachs, se faz presente nas pessoas que vivem no sítio Curral Queimado, pois suas narrações são lembranças de momentos que antes vivenciaram com outras pessoas e que apesar de muitos anos depois, ainda continuam vivenciando-os, através de suas contações, estas, que estão guardadas, obviamente em suas memórias, não somente pessoais, mas coletivas.

Observamos, também, na teoria de Maurice Halbwachs, que a memória pode ser constituída de lembranças individuais, recordações pessoais de acontecimentos que ocorreram outrora em nossas vidas, bem como por uma memória coletiva, que são lembranças de uma mesma comunidade sobre um fato, que lhes ocorreu em tempos remotos.

Embora tenhamos mostrado brevemente o conceito de memória, podemos considerar, que esta conforme mencionado por Morais apud Cascudo, está unida a tradições discursivas, as quais como lembra Kabatek (2006), são um determinado texto escrito ou oral, que repetimos de maneira diária ao longo de nossas vidas. Diante desses conceitos citados acima, as “Histórias de Trancoso”, contadas pelos moradores do sítio Curral Queimado, podem ser consideradas como tradições discursivas, uma vez que estas também são repetições que vem sendo transmitidas na vida diária de alguns indivíduos que vivem na comunidade mencionada.

Ao dialogamos sobre as narrativas orais como gêneros, com base nos estudos de Fernando Tarallo e Marcuschi, percebemos, que tanto as narrativas orais do sítio Curral Queimado, quanto os gêneros textuais, inseridos nas contações, mencionadas por alguns indivíduos daquela comunidade, estarão juntos um ao outro, pois eles são partes essenciais em nossa comunicação, e porque de acordo com Marcuschi (2008), só falamos por meio de um gênero textual, os quais, também podem, muitas vezes mostrar, nossa realidade, tanto linguística como cultural.

Ao expormos essas narrações das “Histórias de Trancoso” do sítio Curral Queimado, podemos entender, através dos relatos registrados em vídeo de nossa pesquisa na comunidade, que são histórias que vem sendo contadas por diversas pessoas a muitos anos, o que nos leva a corroborar com Cascudo (2006), afirmando que tais histórias fazem parte do acervo da literatura oral do Brasil, que se caracteriza pela sua resistência oral.

Ao longo da análise sobre as histórias de Trancoso do Sítio Curral Queimado, podemos observar, que elas se caracterizam por iniciarem, na maioria das vezes, com o verbo “**ser**”, no pretérito imperfeito do indicativo, este sempre ligado a outras expressões, principalmente aos substantivos e artigos.

Outra marca, presente nas narrações orais, são os verbos “**morava, viveu, havia e debulhava**”, no pretérito imperfeito do indicativo, fazendo alusão sempre ao passado, afirmando que, se estas histórias de Trancoso existiram mesmo, aconteceram em um tempo distante, mas mesmo assim, são recordadas e

retransmitidas, através de nossas lembranças, tecendo nossa memória pessoal e coletiva.

Analisamos também os elementos discursivos fixos e variáveis nas narrativas. Demonstramos que apesar dos narradores utilizarem alguns elementos discursivos variáveis, não perdem o seu foco temático principal, de narrarem a mesma história.

Ao longo do que foi exposto neste trabalho, podemos relatar que as “Histórias de Trancoso” do Sítio Curral Queimado são formas comunicativas próprias da linguagem e da cultura desta comunidade, as quais precisam ser valorizadas, para que estas tradições orais continuem sendo transmitidas de geração para geração, pois se não as valorizarmos, deixaremos que elas se percam no tempo como tantas outras.

Lembramos, portanto, que não somente as pessoas que moram no Curral Queimado ou na cidade de Brejo do Cruz tem o dever de preservá-las culturalmente e linguisticamente, mas todos nós precisamos preservá-las como parte importante de nossa cultura popular do sertão, posto que somente assim não as deixaremos morrer com o passar do tempo, garantindo para as futuras gerações a continuidade da memória coletiva oral que constitui essas histórias de Trancoso, bem como o seu registro em audiovisual e transcrições, possibilitando à comunidade em geral o acesso à informação cultural registrada de seu povo.

REFERÊNCIAS

- CALVET, Louis-Jean. **Tradição oral e tradição escrita**/ Louis-Jean Calvet; tradução Waldemar Ferreira Netto, Maressa de Freitas Vieira. – São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 52.
- CASCUDO, Luís da Câmara, 1898-1986. **Literatura oral no Brasil** / Luís da Câmara Cascudo. – 2. ed. – São Paulo: Global, 2006.
- DIONISIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora. (ORGS). **Gêneros textuais e ensino**. 3 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. 232p.; 23 cm.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. 1877-1945. **A memória coletiva** / Maurice Halbwachs. – São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990. – (Biblioteca Vértice. Sociologia e política).
- KABATEK, Johannes (2006): “**Tradições discursivas e mudança lingüística**”
In: LOBO, Tânia, RIBEIRO, Ilza, Carneiro, Zenaide, AMEIDA, Norma. (orgs.)
Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises. Salvador: EDUFBA, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio, 1946 – **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**/Luiz Antônio Marcuschi, - São Paulo: Parábola Editorial, 2008, 296 p.:. – (Educação linguística; 2).
- _____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**/Luiz Antônio Marcuschi – 10.ed. – São Paulo: Cortez, 2010.
- MOISÉS, Massaud. **O conto Português**. 15 ed. São Paulo: cultutrix, 2012.
- OLIVEIRA, Delanice Ribeiro de. **Brejo do Cruz: Sua história e sua gente**/Delanice Ribeiro de Oliveira – João Pessoa – PB – Edições FUNESC, 2004 – 284 p.il.
- SANTOS, Maria Francisca Oliveira, [et al]. **Gêneros textuais: na educação de jovens e adultos em Maceió**. Maceió: FAPEL, 2004.

APÊNDICES

ENTREVISTAS DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS COM OS CONTADORES DAS HISTÓRIAS DE TRANCOSO DO SÍTIO CURRAL QUEIMADO, NO MUNICÍPIO DE BREJO DO CRUZ / PARAÍBA – COLETADAS PELO GLICPOP (GRUPO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E CULTURAS POPULARES), CATOLÉ DO ROCHA, UEPB, NOVEMBRO DE 2012.

NARRATIVA 1

VÍDEO: SAM_1370 (11:30)

Entrevista com Diana em 12/11/12

P.: Você sabe contar algumas daquelas histórias de trancoso que alguém lhe contava ou contou?

C.: Sei pois aprendi uma com meu pai ((sentada em uma rede em seu quarto)) (+) se chama o caboco da bunda mucha (+++) era assim (+) um caboco com sua família morava/ num tempo de seca morava num lugar distante assim da sociedade (+) precisou ir trabalhar longe da família (+++) ir (+) onde ele ia trabalhar tinha um castelo no caminho era longe, ele passava todo dia por lá pois tinha uma princesa que ficava debochando dele (+) chamano ele de caboco da bunda mucha porque a bunda dele era bem maguinha ((risos)) (+++) ele ia e vinha todo dia ia e vinha todo dia e ela debochando dele, certo dia ele largou o imprego quando vinha voltando para casa (+) a princesa gritou “OLHA O CABOCO DA BUNDA MUCHA KAKAKAKA” (+) ai ele si virou e disse (+) “o que Deus num , o que Deus num butou na minha bunda butou nos seus denti” que ela tinha os dentes bem grande ai pronto acabou a história!

P.: É através de quem você essas histórias?

C.: De paim!

P.: Há quanto tempo você sabe essas histórias?

C.: Há pouco tempo! Uns dois ano.

P.: Você acredita que essas histórias aconteceram de verdade?

C.: Não!

P.: Por quê?

C.: Porque isso é trancoso!

P.: Trancoso quer dizer o quê?

C.: Não sei? (+++) quer dizer ficção (+) qui não é verídico, qui não aconteceu!

P.: Tá bom obrigada! Posso usar sua fala como pesquisa?

C.: Pôde!

NARRATIVA 2

VÍDEO SAM_1371 (11:40)

Entrevista com José Maria em 12/11/12

P.: Você sabe contar alguma daquelas histórias de trancoso que alguém lhe contava ou contou?

C.: Sei sim! Sei muitas histórias de trancoso! ((se ajeita na rede de dormir na sala de sua casa)).

P.: Pôde nos contar uma?

C.: Vou contar uma de João Grilo (+) João grilo viveu num tempo de reinado né que existia reis ai João Grilo sempre foi um meninu prodiju um meninu danado ruim (+) ai contava as piadas dele a mãe dele reclamava muito dele (+) porque ele contava essas piadas ai foi (+) ai foi cresceni cresceni tormou-se um rapaz (+) ai tinha um reinado mei distante da casa dele ele era muito pobizim ai o reis (+) mandou um enviado lá a casa dele chamar ele pa ele contar/pa ver se ele adivinhar umas coisas que tinha pra adivinhar se ele adivinhasse ganhava um bom dinheiro e se ele não adivinhasse ele ia perder a vida dele (+) ai foi passani foi passani ai chegou o dia (+) ai juntou-se o reinado tinha um salão muito grande ai juntou-se esse alarme de gente juntou lá muita gente urma mil pessoas ou mais (+) nesse tempo também não existia muita gente né era pouca no mundo ai isso pra esperar João Grilo (+) ai quando foi dez hora da manhã pra dez e meia ((ele fez o gesto olhando para o braço esquerdo como se tivesse olhando o horário no relógio)) João Grilo vinha chegando ai o povo tudo assombrado porque o povo sabia que ele não adivinhava, João Grilo

não adivinhava mais o reis pu informação queria que ele adivinhasse sem ele saber adivinhar (+) ai (+) chegou cumprimentou todo mundo falou com o reis (+) ai foi o reis disse “olhi antes do almoço a gente vamo ali uma viaje quando a gente vier já é hora di almoço a gente almoça” (+) ai sei saiu saiu João Grilo, o reis, o acessores do reis e um monte de gente atrás deles a fila de gente atrás, ai o reis (+) foi pegou uma caixa de fósforozinha e balançou assim ((ele fez o gesto como o rei pegou a caixa de fósforo e balançou com a mão direita)) “você/João dizem que você adivinha (+) eu quero que você adivinhe o que tem dentro dessa caixa de fósforo” ai ele disse “ eu posso pegar na caixa di fósforo sinhô reis” “Pôde!” ai ele pegou balançou ((ele fez o gesto com a mão esquerda como se tivesse balançando a caixa)) ai foi disse “Ô sinhô reis, Ô cuidapo pegou João Grilo” ai o reis disse “há rapaz foi um grilo mermu é um grilo mesmo que tem ai pôde abrir tem um grilo” ai ele abriu era um grilozinho daqueles/grilozim dos cascões duro daquele/miudinho (+) ai passou-se chegaram lá na casa , entraram na casa, não morava ninguém na casa não morava ninguém , a casa reformada num morava ninguém (+) ai chegou na porta da cozinha (+) no batente assim bem no pezim do betente o reis disse “João (++) você adivinha/eu sei que você adivinha mais eu quero que você adivinha o que tem enterrado aqui no pé dessa porta” (+) ai ele teve teve teve “Ô sinhô reis (+) ai é ondi a porca torce o rabo si ela não for cortô” ai o reis disse “rapaz você é um danado mesmo apois não é um rabo de uma porca que eu mandei enterrar mesmo” ai pronto ai abraçaram João Grilo ai já foi chegando a hora do almoço já uma hora da tarde ai foram almoçar (+) ai tavam almoçando ai o reis disse “traga aquele tacho que eu mandei cozinhar di comida” (+) ai os criado trouxeram o tachão, butaram em cima da mesa porque mesa di reinado era muito grande ((ele faz o gesto com as mãos do tamanho da mesa e do tacho)) butaram no meio da mesa (+) fumaçando saindo fumaça ai foi (+) o reis foi disse “João Grilo eu quero que você adivinhe o que tem dentu desse tacho/dessa panela fumaçano desse jeito” (+) ai ele olhou pa uma ponta da mesa, olhou pa outra só estranho (+) ai disse “é mermu, mermu assim bem que minha mãe mim dizia, bem que minha mãe mim dizia” (+) “e o que vera sua mãe lhe dizia João” “é sempre minha mãe mim dizia que minhas adivinhações só davam em merda” ai o reis disse “i é merda mermu” ai pronto ai abraçaram João, foi parabéns pa João que João não adivinhava mermu, mais deixa que ele não adivinhava mermu foi coisa que Deus defendeu ele né não era adivinhação foi foi coisa que/mandada por Deus que ele adivinhou sem querer ele não adivinhava nada mermu ((risos)) mãe dele sempre

dizia a ele ai pronto acabou a história, entrou em perna de pato e saiu em perna de pinto sinhô reis mandou dizer que você contasse cinco!

P.: Então através de quem você aprendeu a contar essas histórias?

C.: Rapaiz essas histórias já vem de/dos meus avôs, da minha avó, já dos meus bisavôs e teve um/tinha um velhinhu aqui na região chamado Antonio Neto ele contava muito essas histórias bunita do passado de reinado ai eu gostava de escutar e ai aprendi com ele!

P.: Há quanto tempo você sabe essas histórias?

C.: Praticamente uns trinta ano ou mais de trinta ano, uns trinta e cinco anos por ai!

P.: Você acredita que essas histórias aconteceram de verdade?

C.: Não, não isso é história de trancoso!

P.: Por quê?

C.: Porque, porque num existe isso, nunca existiu reinado, sim agora essas histórias assim de coincidências sim/de você adivinhar uma coisa assim isso é só na ficção isso é história de verso de poeta né que inventava essas histórias.

P.: Quer dizer pra o sinhô essas histórias não existiram, só na cabeça mesmo?

C.: É só na imaginação do homem só na imaginação do ser humano que existe não existe essas histórias verídicas não.

NARRATIVA 3

Vídeo : SAM_1374 (14:20)

Entrevista com Ana Carla em 12/11/12

P.: Você sabe contar alguma daquelas histórias de trancoso que alguém lhe contava ou contou?

C.: Sei! ((sentada em uma cadeira de balanço no alpendre de sua casa))

P.: Pôde nos contar uma?

C.: Posso! É assim tinha uma mulher que era casada e o marido dela era pescador ai viajava e passava muito tempo fora ai uma noite ele saiu pra viajar só que não viajou voltou logo pra casa ai a mulher dele tinha um amante ai tava cum o amante ai foi tinha um/ele/ela pra o marido dela pra não ver o amante ai ele subiu tipo num armário assim numa coisa que o povo chamava de Banguê que fazia e amarrava tipo um giral ai foi ele subiu só que como era pequeno e impressado ai não deu pele colocar o pé ai pu marido dela não ver ela cantou “Nêgo véi que ta lá no bangüê bote seu pé pé pra dentro se não meu marido ver” ai nisso ele butou ai como era muito impressado ele forçou muito ai as cordas toraram e ele caiu ai ele caiu e logo que se levantou disse assim “seja louvado nosso sinhô Jesus Cristo” ai foi o marido dela disse/“para sempre seja louvado” ai foi (+) ele disse assim “eu vim aqui porque nosso sinhô ta com muita fome e mandou pedir um prato de comida” ai foi ele mandou a mulher ajeitar butou o maior peixe que tinha (+) ai intregou,ai o amante saiu ai inventando que ia levar pu nosso sinhô ai foi ele comeu e depois deixou o prato na porta (+) ai também tem ota é o caboco da bunda mucha que ai tinha uma princesa que tinha só um dente bem grande (+) que ai ele todo dia passava de frente o castelo pra ir pra missa e ele não tinha bunda ai ela toda de manhã gritava “JÁ VAI CABOCO DA BUNDA MUCHA” ai teve um dia que ele disse/virou pra ela e disse “quando deus criou o mundo todo mundo tava presente o que faltou na minha bunda cresceu no seu dente”.

P.: Através de quem você aprendeu a contar essas histórias?

C.: Da minha tia!

P.: Há quanto tempo você sabe essas histórias?

C.: Há desde sempre!

P.: Desde sempre quando?

C.: Há desde que eu era pequena!

P.: Você acredita que essas histórias aconteceram de verdade?

C.: Não!

P.: Por que?

C.: Há eu acho que foi só pra ativar as imaginação das crianças assim só pra passar o tempo!

P.: Posso usar as suas histórias como pesquisa?

C.: Pôde!

NARRATIVA 4

Vídeo: SAM_1376 (15:00)

Entrevista com Chica em 13/11/12

P.: Você sabe contar alguma daquelas histórias de trancoso que alguém lhe contava ou contou?

C.: Sei! ((sentada em uma cadeira na cozinha de sua casa))

P.: Poderia nos contar uma agora?

C.: Posso! **Era** Camões e o rei fizeram o pacto quem vencesse se Camões vencesse o rei ganhava o reinado, se Camões/se o reis/vencesse Camões (+) ia ser inforcado então-se o rei falou a Camões (+) “que queria que ele fizesse cum quê os cavalus dele chegasse todos rindo mostrano os dente” Camões pensou pensou foi cortou os beiços dos cavalu (+) ai o reis num gostou mais se deu por vencido né que assim que Camões tinha vencido né ai ele disse “agora eu quero que você mim traga um carro de madeira que não tenha nenhum nó” (+) Camões foi pensou pensou só encontrou as bananera, foi no sitio do rei cortou todas as bananera levou mostrou ao rei, o rei não gostou ai pediu que queria um que tivesse duma madeira que tivesse muito nó toda cheia de nó Camões pensou ai disse “só tem cana” foi no sitio cortou as cana tudo lá do sitio e trouxe, o rei também não gostou né num conseguiu vencer Camões ai o rei disse “agora eu quero que você mim coloque esse carro dentu desse quarto” pensou pensou só encontrou um jeito, dimuntou o carro as peça que passava na janela ele colocou lá dentro e as qui não coisa ele rachou de machado arrumou tudo lá dentro no outro dia chamou o rei “veim sinhô reis ver o carro aqui dentro do quarto” o rei quando chegou ((risos)) deu brabo “mais Camões você quebrou todo o meu carro” ele disse “foi a maneira que eu encontrei pra butar ele

dentu do quarto” (+) ai foi Camões/o reis disse “agora eu quero que você venha (+) chegue aqui na minha casa nem nu nem vestido nem di apé nem a cavalu nem pizano na minha terra ” (+) Camões pensou pensou pegou um saco de areia fez uma estrada pa chegar na calçada foi vestiu-se numa tarrafa e pegou dum vizinho uma porca grande que tinha ai na hora marcada cum o rei Camões chegou vestido na tarrafa acavalu na porca que vinha pizano na estrada que ele tinha feito (+) ai o reis disse (+) “ganhou de novo num foi Camões” mais agora eu lhi pego ai pegou uma folha de papel, mandou levantar uma pedra e colocou a folha debaixo da pedra ai depois foi andar mais Camões ai subiu na pedra e disse “Camões tem alguma coisa diferente no ar você acha que/você num acha” ele disse “é sinhô rei ou a terra subiu a altura de uma folha de papel ou o sol baixou a altura de uma folha de papel” ai o reis disse “por que você diz isso” ele disse “é porque assim que eu to vendo o tempo, deça” o reis desceu da pedra e encontrou a folha de papel ((risos)) e assim o reis se deu por vencido e Camões quem ficou com toda riqueza do rei.

P.: Através de quem você aprendeu a contar essas histórias?

C.: Há com as pessoas, os mais velhos meu tios, minhas avós que gostavam de contar as histórias.

P.: Há quanto tempo você sabe contar essas histórias?

C.: Tem uns uns quarenta anos eu acho!

P.: Você acredita que essas histórias aconteceram de verdade?

C.: Não!

P.: Por que ?

C.: Porque eu acho que essas histórias de trancoso foram inventadas num tempo muitos antigos que não tinha com que si divertir a vida né então-se as pessoas foram inventando isso porque enquanto tava nas histórias tavam se distraindo somente isso, acho que foi assim uma forma de intertimento.

P.: Eu posso usar sua fala como pesquisa?

C.: Pôde!

NARRATIVA 5

VIDEO SAM_1377 (15:20)

Entrevista com João Saldanha em 13/11/12

P.: Você sabe contar algumas daquelas histórias de trancoso que alguém lhe contou ou contava?

C.: Conheço! ((sentado em uma cadeira de balanço no alpendre de sua casa))

P.: Pôde nos contar uma?

C.: Olhe era um padre (+) um doutor e um caboclo (+) era um tempo que não havia transporte (++) e as pessoas que tinham condições viajavam de acavalo né de um lugar para o outro (+) esse padre mais o doutor moravam na cidade e ia viajar pra outra cidade que ficava um pouco distante, andava mais de um dia de viagem (++) ir pra viagem ele levava/tinha um caboco o caboco foi servindo de arriê, arriê era uma pessoa que levava pra fazer/arrumar as coisas pra os padres essas coisas/(+) nas horas do almoço a noite essas coisas né (+)/ai saíram no primeiro dia de viaje saiu cedo (+) assim por volta das onze horas alcançaram um local que passava um riacho tinha água a vontade essas coisas, umas árvores muito na sombra né (+) ai o caboco disse “padre esse local aqui é bom para o descanso e almoçar” (+) ai pararam lá o caboco levou os animais pro canto (+) o padre tinha armado uma rede lá na sombra e tal (+) dias antes o padre tinha recebido uma galinha de presente galinha muito gorda né (+)/a galinha tava toda tratada no tempero e só pa butar no fogo cozinhava mais ligeiro “apois are caboco prepare essas galinha que tem ai pra gente almoçar” o caboco “ta certo seu padre” (+) bom o padre e o doutor adormeceram ele fez lá o fogo cozinhou a galinha foi ligeiro né, fez um sofrado/sabia cozinhar bem né os pratos e pratos (++)/ele fez uma farofa muito bem feita isso já no meio dia mais passando do meio dia o sol coisando, danado é isso isso galinha, galinha gorda né ai o caboco olhando assim o padre e o doutor durmindo disse “eita isso é uma porra essa galinha tão gorda assim esse doutor mais esse padre vão comer essa galinha e vão deixar pra mim só os ossos” né as costelas essas as asas (+) “sabe di uma coisa eu vou comer essa galinha” baixou a carne de nó na galinha comeu toda o caboco, o caboco comeu muito né ficou somente o/as costelas, as asas, o pescoço essas coisas os pedaços véi de / ai tufurrou assim adormeceu né

(+) hora já bem/parece que o padre acordou tava o caboco durmindo o padre disse “CABOCO CABOCO CABOCO CABOC ” ai o caboco olhou “qui foi seu padre” “caboco já vai dar duas horas rapaz/eu num disse qui quando cozinhasse pra gente ajeitasse o almoço chamasse pra gente almoçasse” ai o caboco sentou-se saiu assim desconfiado (+) infrengendo os olhos essa coisa ai disse “seu padre você sabe o que é que aconteceu” o padre “o que foi caboco” “oi seu padre eu cozinhei a galinha preparei como o sinhô mim falou tudo certim fiz o arroz, farofa tudo ai, ai mim deitei pra dormir um pouquinho ainda era muito cedo ainda/não vou acordar seu padre mais o seu doutor agora não deixe eles dormir mais (+) eu sonhei que seu padre estava nu céu numa grande festa nu céu lá junto com os anjos comendo manjá né (+) e também nu sonho sonhei que seu doutor estava numa festa junto lá com os doutor esse povo ricão e essa festa tinha tudo de bom (+) tudo lá comendo e bebendo tudo mais né bom ai quê dizer bom si o padre esta nu céu (+) talvez lá comendo manjá com/junto aos anjos, seu doutor nessa festa aqui não vai mais querê essa galinha isso vai é pu mato né ai eu fui comi a galinha quase toda né (+) nu sonho seu doutor” ora nu sonho foi acordado né ai pronto “mais doutor/mais caboco que conversa é essa rapaz” “e o que é que tem foi só uns pedacim” tava só as asas e essas coisas mais também ele butou o padre comeu ai seguiram a viaje e o doutor ora e o doutor/o caboco passou a galinha, passou a perna nu padre e nu doutor.

P.: O sinhô lembra mais de alguma história dessas?

C.: Não ((risos)) só si pagar qualquer pagamento né !

P.: Através de quem você aprendeu a contar essas histórias?

C.: Há dos meus antepassados né di uns tios meus tinha um tio meu qui contava muito essas histórias o irmão de minha mãe/o nome dele era inhonhô Saldanha contava muita história.

P.: Há quanto tempo você sabe essas histórias?

C.: Há já tem bem, há isso quando eu era mininu tem mais de cinqüenta anos bem uns cinqüenta ou sessenta eu era mininu ainda de uns dez, doze anos por ai barriga verde.

P.: Você acredita que essas histórias aconteceram de verdade?

C.: Não não isso é história da imaginação de trancoso como diz na gíria isso não aconteceu não histórias dos antigos.

P.: Posso usar sua fala como pesquisa?

C.: Pôde! Pôde ! Pôde !

NARRATIVA 6

VIDEO SAM_1457 (11:25)

Entrevista com Franciso em 14/11/12

P.: Você sabe contar alguma daquelas história de trancoso que alguém lhe contava ou contou?

C.: Sei ! ((sentado na sala de sua casa))

P.: Pôde nos contar uma?

C.: Conto agora (+) o reis fez uma aposta cum Camõis pra ele nem vim nu nem vistidu vestiu-se numa tarrafa nem era pa ele vim di péis nem acavalu ele vei ele incheu um saco de área vei amuntou numa porca ai vei acavalu (+) pronto ai só uma conta mais

P.: Se tiver mais?

C.: Ai ele fez ota aposta cum Camõis (+) pa ele (+) cortar uma medeira sem nó (+) “é amanhã eu trago” ai butou os boi nu carru di boi foi pu sítio o qui era di bananeira cortou tudim (+) ai butou dentu du carru ai quandu chegou “Camõis cê feiz issu Camõis” “há foi utimu jeitu qui eu achei di madeira sem nó foi essi” pronto ai o oto foi dissi “nam ramu vamu fazer ota aposta (+) você trazer (+) a maderá cheia di nó” (+)/má cortou (+) cortou, butou, impurrô a foice, o falcão nu nu sítio di cana (+) chegou carregou o carru quandu chegou (+) disse “NÃO Camõis cana não” (+) disse “ta nera madeira cum nó chei di nó pronto eu achei o jeitu” prantu.

P.: Pronto tem mais alguma?

C.: Tem mais não ! minha avó mim contava muita.

P.: Através de quem você aprendeu a contar essas histórias?

C.: Cum minha avó.

P.: Há quanto tempo você sabe essas histórias?

C.: Há já faz muito tempo, muitos anos.

P.: Você acredita que essas histórias aconteceram de verdade?

C.: Ai eu não posso dizer qui eu era novu né mais os vei dissu qui era verdade mermu.

P.: Eu posso usar sua história como pesquisa?

C.: Pôde ! Já mim contaru talvez é verdade né mais a veis é !

P.: O brigada !

NARRATIVA 7

VIDEO SAM_1467 (17:40)

Entrevista com ludinha em 14/11/12

P.: Você sabe contar uma daquelas histórias de Trancoso que alguém lhe contava ou contou?

C.: Sei.

P.: Pode nos contar uma?

C.: Posso (+) agora eu contu? (++) pode fastar mais pra cá né? fastar mais pra cá.

P.: Pode contar mais alto.

C.: Era um velhu qui num tinha (+) num tinha denti nada ai o velhu queria ser um rapaz novu ai o vêi chegou numa casa di noite a boca da noite pediu durmida o dono da casa deu de jantar tinha urma moça ai o velhu tinha uma disbulha di feijão nesses tempo o povo disbulhava feijão, apanhava o feijão da roça, disbulhava di noite (+) ai disbulharu feijão i o vêi também disbulhanu o vêi atrás di namorar cum urma das moça filha du/du dono da casa ai quandu apanharu/dis bulharu o feijão apanharu o feijão guardaru, apanharu a palha ai jogaru, jogaru assim nu asseru du terreru da casa ai foi o velhu (+) o dono da casa “o sinhô quer durmir” ai tinha uma

latadinha, uma casa di taipu, uma casinha antiga di taipu cum a latadinha (+) ai o homi, o dono da casa “o sinhô quer durmir dentu di casa” ele disse “não eu durmo aqui mermu dibaixo dessa latada, dessa latadinha eu acho muito bom durmir aqui dibaixo da latadinha” ai ele disse “não num sintu fri não” ((risos)) “eu num sintu fri não” o vêi quiria ser novu, quiria ser um rapaz “eu num sintu fri não” ai ta certu ” ai deu, deu a redi, deu o vêi armou a redi dibaixo da latadinha i foi durmir quandu foi pa meia noite ai aja aquele ventu ventar i aquele frio, aquele frio i o vêi si tremenu di frio di fri ai o vêi disse “sabi di uma coisa eu vou mim, eu vou entrar nessa palha peu mim isquentar qui eu num to aguantanu o fri ” o vêi conversanu só dizia “eu num to aguantanu i frio, eu vou mim isquentar aqui nessa palha” ai o vêi foi entrou dentu da palha, ficou dentu da palha o fri muito grande a palha di feijão isquentava ai o vêi fazia aquela, aquele buraquim entrou dentu da palha ficou só a cabeçinha di fora ai o velhu ficou, ficou quandu o ficou ai o velhu foi (+) o velhu foi já pra já ta o velhu num durmiu quase nada si tremenu cum fri já pa dimanhã o sai du sol o vêi foi coisanu, o ventu foi passanu i a frieza o vêi foi adurmeceu (+) o vêi adurmeceu aja ai o vêi durmiu dentu da palha ddurmiu ai quandu foi já o sol foi ficanu alto i ar moça arrumanu as coisa, arrumanu o barrenu o terreru uma varrenu o terreru i ota apanhanu o lixo ai disse “agora nós vamu, arrumemu o terreru agora nós vamu tocar fogo nessa palha” ai/uma foi fosco pegou a caixa di fosco ai tocou fogo na palha ai quandu a palha arruma di palha foi incendianu foi incedianu ai foi isquentanu ai o vêi saiu nu di dentu da palha da da o vêi saiu nu di dentu da palha ((risos)) du feijão toda carreira ar moça acharu muito graça “KAKAKA papai o o vêi tava durminu papeis dentu da palha di feijão nós toquemu fogo na palha di feijão i o vêi saiu nu papai correnu KAKAKA” mangaru muito du vêi ai si acabou sim heim daianinha!

P.: É através de quem você aprendeu a contar essas histórias?

C.: Essas histórias eu eu aprendi pai contava cum meu pai qui contava ai nós nós era piquena assim na boca da noite num tinha história di televisão num tinha essas coisa nera ai nós ai pai ia contar história nós ficava aqui ouviniu, nós ficava ouviniu as histórias .

P.: Há quanto tempo você sabe essas histórias?

C.: Essas história uns vinte ano a uns vinte i cinco ano.

P.: Você acredita que essas histórias aconteceram de verdade?

C.: Acho qui aconteceram di verdade né!

P.: Por quê?

C.: Porque o povo hum coisa antigamente como inventada essas história nera pa si divertir a boca da noite .

P.: Posso usar sua história como pesquisa?

C.: Pôde né! ((risos)).

NARRATIVA 8

Vídeo SAM_1468 (17:15)

Entrevista com Maria em 14/11/12

P.: Começar você sabe contar uma daquelas histórias de Trancoso, que alguém lhe contava ou contou?

C.: Sim. ((sentada numa cadeira de balanço na parte da frente da casa)).

P.: Pode nos contar uma?

C.: Era um vêim que gostava muito de andar de noite acavalu num cavalim o cavalim magu (+) ai chego numa casa “ô de casa” ai o vêi dissi “ô di fora” “meu patrão da pa você mim dá uma durmida aqui dibaixo desse alpendi” ai o homi dissi “dá” o dono da casa dissi “dá” (+) ai (++) ele dissi “agora faz muito” o dono da casa dissi “agora faz muito fri tem vem a cruviana de madrugada (+) a cruviana veim ai o sinhô tremi de fri” ele dissi “não tem medo da cruviana não (+) num tenho medo da cruviana não” “pois é pois durma ai dibaixo do alpendi”/deu di jantar jantou ai amarrou o cavalu amarrou o cavalim assim num pé de pau (+) amarrou mau amarrado qui o caralu disatou o nó ai quando foi a meia noite pa di madrugada os galo já cantanu i o vêi sem dá um cuchilo cum medo da cruvina o vêi pensava qui a cruviana era um bichu era o fri (+) ai dissi ai ele dissi andava cum a foicinha também i lá vinha o cavalim (+) lá vinha pum ta o homi ai o homi pego a foicinha danou no pescoço do cavalim matou o cavalim o cavalim dele (+) o cavalim dele ai “venha cruviana venha cruviana bulir cum eu pa ver si eu num lhi mato agora eu lhimatei” (+) ai quando amanheceu o dia o caralu morto o caralim mago (+) morto no acerru do terreru (+) ai o dono da casa dissi “durmiu” ele dissi “durmir” mais di madrugada vei a cruviana eu peguei a foice danei no pescoço da cruviana ((risos)) matei a cruviana” “mais homi você matou seu cavalim di você andar” “mais homi pois num foi mermu num matei meu cavalim deu andar eu pensava qui a cruviana era um bichu cumo o cavalim cumo o cavalu” “i agora como é qui Cê vai andar sem ter sem ter seu cavalu” “eu comprou oto” (+) ai o vêi foi simbora dipeis i acabouici a história.

P.: Através de quem a senhora aprendeu a contar essas histórias?

C.: Eu aprendi a contar essas histórias com meu padrinho Anton Neto que era um primo irmão do meu bisavô meu avô meu Cajuero eu aprendi a contar.

P.: Há quanto tempo você sabe estas histórias?

C.: Faz muitos anos faz uns trinta anos.

P.: Você acredita que essas histórias aconteceram de verdade?

C.: Eu acho que não Daiani eu acho que é história de Trancoso é é história de Trancoso/ Daiani tá filmando.

P.: É posso usar sua fala como pesquisa ?

C.: ((balança a cabeça)) pode.

P.: Pronto (+) obrigada.